

O *sentido na história*

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-Presidente / Publisher

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Superintendente Administrativo e Financeiro

William de Souza Agostinho

Conselho Editorial Acadêmico

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Paulo Celso Moura

Ricardo D'Elia Matheus

Sandra Aparecida Ferreira

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Valéria dos Santos Guimarães

Editores-Adjuntos

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

KARL LÖWITH

O sentido na história

*Os pressupostos teológicos
da filosofia da história*

Tradução

Luiz Philipe de Caux



editora
unesp

Título original: *Meaning in History*
Licenciado por The University of Chicago Press, Chicago, Illinois, U.S.A.
© 1949 by The University of Chicago. Todos os direitos reservados.

© 2024 Editora Unesp

Direitos de publicação reservados à:
Fundação Editora da Unesp (FEU)
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.livrariaunesp.com.br
atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

L918s

Löwith, Karl

O sentido na história: os pressupostos teológicos da filosofia da história / Karl Löwith; traduzido por Luiz Philipe de Caux. – São Paulo: Editora Unesp, 2024.

Tradução de: *Meaning in History: The Theological Implications of the Philosophy of History*

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5711-245-8

1. História. 2. Historiografia. 3. Historiografia comparada. 4. Teoria da história. 5. Filosofia da história. 6. Teologia. I. Caux, Luiz Philipe de. II. Título.

2024-2781

CDD 901

CDU 930

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

À memória de minha mãe

Portanto, o mundo está como uma prensa de azeite: sob pressão. Se você for a borra do azeite, será levado pelo ralo; se for o azeite genuíno, permanecerá no recipiente. Mas estar sob pressão é inevitável. Observem a borra, observem o azeite. A pressão sempre acontece no mundo, por exemplo, por meio da fome, da guerra, da carência, da inflação, da indigência, da mortalidade, do estupro, da avareza; tais são as pressões sobre os pobres e as preocupações dos estados: delas temos evidências... Encontramos homens que resmungam sob essas pressões e que dizem: “como são ruins esses tempos cristãos!”... Assim falam as borras de azeite que escorrem pelo ralo; sua cor é preta porque blasfemam: falta-lhes brilho. O azeite tem brilho. Pois aqui outro tipo de ser humano está sob a mesma pressão e fricção que o pule, pois não é a própria fricção que o refina?

Agostinho, *Sermões*, XXIV, 11.

Sumário

Prefácio . 11

Introdução . 15

I Burckhardt . 45

A visão da história de Burckhardt . 45

A visão de Burckhardt da cristandade . 55

II Marx . 63

A interpretação materialista da história de Marx . 63

A crítica de Marx à religião . 81

III Hegel . 91

IV Progresso versus providência . 103

1. Proudhon . 106

2. Comte . 114

Sua visão da história . 114

Sua avaliação do catolicismo e do protestantismo . 126

Consideração final . 137

3. Condorcet e Turgot . 151

V	Voltaire .	171
VI	Vico .	189
	Os princípios e os métodos da <i>Nova ciência</i> .	191
	A dialética da história .	204
	A religião verdadeira e as falsas religiões .	209
	O curso histórico e sua recorrência .	214
	Conclusão .	219
VII	Bossuet .	223
VIII	Joaquim .	235
	O progresso providencial em direção a um <i>eschaton</i> histórico .	238
	Conclusão .	250
IX	Agostinho .	259
	Sua refutação da visão clássica de mundo .	259
	A teologia da história de Agostinho .	269
X	Orósio .	281
XI	A visão bíblica da história .	293
	Conclusão .	309
	Epílogo .	329
	Apêndice I – Transfigurações modernas do joaquimismo .	335
	Apêndice II – O reavivamento da doutrina do eterno retorno em Nietzsche .	345
	Agradecimentos .	363
	Índice remissivo .	365

Prefácio

Depois de ter finalizado este pequeno estudo sobre o tema mais amplo da *Weltgeschichte* e da *Heilsgeschichte*,¹ comecei a me perguntar se o leitor não ficaria desapontado com a falta de resultados “construtivos”. Essa falta aparente é, porém, um ganho real, se for verdade que a verdade é mais desejável do que a

I “Salvação” não transmite as muitas conotações da palavra alemã *Heil*, que indica termos associados como “curar” (*heal*) e “saúde” (*health*), “saudar” (*bail*) e “saudável” ou “são” (*bale*), “santo” ou “sagrado” (*holy*) e “completo” (*whole*), em contraste com “doente”, “profano” e “imperfeito”. *Heilsgeschichte* tem, portanto, um significado mais amplo do que “história da salvação”. Ao mesmo tempo, ela une o conceito de história mais intimamente com a ideia de *Heil* ou “salvação”. *Weltgeschichte* e *Heilsgeschichte* caracterizam os eventos como mundanos e sagrados, respectivamente. Nos substantivos compostos alemães, a história é concebida não como uma entidade idêntica, relacionada apenas externamente ao mundo e à salvação, mas como determinada pelos caminhos do mundo ou pelos da salvação. São princípios opostos de dois padrões diferentes de acontecimentos. Essa diferença não exclui, mas antes implica a questão de sua relação (cf. G. van der Leeuw, *Religion in Essence and Manifestation* [Londres, 1938], p.101).

ilusão. Assumindo que um único grão de verdade é preferível a um vasto construto de ilusões, tentei ser honesto comigo mesmo e, conseqüentemente, também com o meu leitor sobre a possibilidade, ou melhor, a impossibilidade de impor à história uma ordem fundamentada na razão ou de traçar a operação de Deus. A história, como registro parcial da experiência humana, é profunda demais e, ao mesmo tempo, rasa demais para evidenciar a humilde grandeza de uma alma humana que é capaz de dar sentido, se é que algo é capaz de dá-lo, àquilo que, de outro modo, seria um fardo para o ser humano. A história não prova nem refuta mais o valor incomparável da retidão e do heroísmo de um ser humano em face dos poderes do mundo do que ela prova ou refuta a existência de Deus. Claro, tanto indivíduos quanto nações inteiras podem ser hipnotizadas na crença de que Deus ou algum processo mundial quer que eles alcancem isto ou aquilo ou que sobrevivam enquanto outros estão afundando, mas há sempre algo de patético, se não de grotesco, em crenças desse tipo.² Para a mente crítica, nem um plano providencial nem uma lei natural do desenvolvimento progressivo é discernível na trágica comédia humana de todos os tempos. Nietzsche estava certo quando disse³ que olhar para a natureza como se ela fosse uma prova da bondade e do zelo de Deus e interpretar a história como um testemunho constante de uma ordem e um propósito moral – que tudo isso agora é passado, pois é contrariado pela consciência. Mas ele estava errado em assumir que a composição pseudorreligiosa da natureza e da história tem alguma consequência real para

2 Cf. F. M. Powicke, *History, Freedom, and Religion* (Londres, 1940), p. 34.

3 *A gaia ciência*, §357.

uma genuína fé cristã em Deus, tal como revelada por Cristo e oculta na natureza e na história.

Mais inteligente do que a visão superior de filósofos e teólogos é o senso comum do homem natural e o senso incomum do crente cristão. Nenhum deles pretende discernir na tela da história humana o propósito de Deus ou do próprio processo histórico. Em vez disso, buscam liberar o ser humano da história opressiva do mundo sugerindo uma atitude, seja de ceticismo ou de fé, que está enraizada em uma experiência que é certamente nutrida pela história, mas que dela se destaca e que a ultrapassa, permitindo assim ao ser humano suportá-la com uma resignação madura ou com uma expectativa fiel. A fé religiosa está tão pouco em desacordo com o ceticismo que ambos estão antes unidos por sua oposição comum às presunções do conhecimento estabelecido. Pode-se, de fato, como sugeriu Hume,⁴ erigir “a fé religiosa sobre o ceticismo filosófico”; mas a história do ceticismo religioso e irreligioso ainda não foi escrita. Um homem que vive pelo pensamento deve ter seu ceticismo – literalmente, uma paixão pela busca –, que pode terminar na manutenção da pergunta como pergunta ou em uma resposta que transcenda a dúvida por meio da fé. O cético e o crente têm uma causa comum contra a leitura fácil da história e de seu sentido. Sua sabedoria, como toda sabedoria, consiste não em menor medida na desilusão e na resignação, em estar livre de ilusões e presunções.

Que o ser humano tem de tomar decisões aqui e agora que ultrapassam sua sabedoria potencial e, portanto, ficam aquém dela, é desnecessário dizer. Porém, seu planejamento e suas

⁴ *Diálogos sobre a religião natural*, I e XII.

conjecturas, seus desígnios e suas decisões, por maior que seja seu alcance, têm apenas uma função parcial na economia de desperdício da história, que os engolfa, arremessa e engole.

Eles sabem e não sabem que agir é sofrimento
E sofrimento é ação. Nem o agente sofre
Nem o paciente age. Mas ambos estão fixos
Em uma ação eterna, uma paciência eterna
Com a qual todos precisam consentir para que seja desejada,
E que todos devem sofrer para que possam desejá-la,
Para que o padrão possa subsistir...

T. S. Eliot, *Assassinato na catedral*

Introdução

O termo “filosofia da história” foi inventado por Voltaire, que o utilizou pela primeira vez em seu sentido moderno, como algo distinto da interpretação teológica da história. No *Ensaio sobre os costumes e o espírito das nações*, de Voltaire, o princípio orientador não era mais a vontade de Deus e a providência divina, mas a vontade do homem e a razão humana. Com a dissolução gradual da crença oitocentista na razão e no progresso, a filosofia da história perdeu em alguma medida o seu chão. O termo ainda é usado, ainda mais amplamente do que antes, mas seu conteúdo foi tão diluído que o que quer que se pense sobre a história pode ser chamado de filosofia. O rótulo “filosofia”, como é usado hoje em dia de forma tão barata (“filosofia” de vida, de negócios e até mesmo de acampamento), não indica uma filosofia específica, mas apenas opiniões públicas e privadas. Na discussão a seguir, o termo “filosofia da história” é usado com o significado de uma interpretação sistemática da história universal de acordo com um princípio pelo qual os eventos e as sucessões históricas são unificados e direcionados para um sentido último.

Tomada nesse sentido, a filosofia da história é, no entanto, totalmente dependente da teologia da história, em particular do conceito teológico da história como uma história de cumprimento e salvação. Mas, então, a filosofia da história não pode ser uma “ciência”; pois como se poderia verificar a crença na salvação com base científica? A ausência de tal base científica e, ao mesmo tempo, a busca por ela fez que os filósofos modernos e até mesmo teólogos como Troeltsch rejeitassem completamente o tratamento pré-científico da história, embora aceitassem, em princípio, o método empírico de Voltaire. Argumentando que a filosofia da história, de Agostinho a Bossuet, não apresenta uma teoria da história “real” em sua finitude, riqueza e mobilidade, mas apenas uma doutrina da história com base na revelação e na fé, eles chegaram à conclusão de que a interpretação teológica da história — ou seja, 1.400 anos de pensamento ocidental — é um assunto irrelevante.¹ Contra essa opinião comum de que o pensamento histórico propriamente dito começa apenas nos tempos modernos, com o século XVIII, o esboço a seguir visa mostrar que a filosofia da história se origina com a fé hebraica e cristã em uma história que se cumpre e que termina com a secularização de seu modelo escatológico. Daí a sequência invertida de nossa apresentação histórica.

Essa maneira um tanto incomum de desenvolver a sucessão histórica das interpretações da história, de forma regressiva,

1 Quando Troeltsch e Dilthey se esforçaram para “superar” os pressupostos dogmáticos da teologia e da metafísica da história, seu verdadeiro critério de julgamento era sua crença dogmática no valor absoluto da história como tal.

começando nos tempos modernos e voltando ao seu início, pode ser justificada por três motivos: um didático, um metódico e um substancial.

1. Embora a abstenção de qualquer quadro de referência teológico ou metafísico, como defendido por Burckhardt, seja em si mesma persuasiva para o leitor moderno, a compreensão teológica de épocas anteriores é, à primeira vista, estranha para uma geração que está despertando agora do sonho secular de progresso que substituiu a fé na providência, mas que ainda não alcançou a renúncia resoluta de Burckhardt. Daí a conveniência didática de começar com o que é familiar à mente moderna antes de abordar o pensamento não familiar das gerações anteriores. É mais fácil entender a antiga crença na providência por meio de uma análise crítica das implicações teológicas da crença ainda existente no progresso secular do que entender a crença no progresso por meio de uma análise da providência.

2. Uma abordagem adequada da história e de suas interpretações é necessariamente regressiva pela simples razão de que a história está avançando, deixando para trás os fundamentos históricos das elaborações mais recentes e contemporâneas. A consciência histórica só é capaz de começar por si mesma, embora seu objetivo seja conhecer o pensamento de outros tempos e de outros seres humanos, diferentes de nosso tempo e de nós mesmos. A história precisa ser sempre e a cada vez recuperada e redescoberta pelas gerações vivas. Entendemos — bem ou mal — os autores antigos, mas sempre à luz do pensamento contemporâneo, lendo o livro da história de trás para a frente, da última página à primeira. Essa inversão do modo habitual de apresentação histórica é, na verdade, praticada até mesmo por aqueles que partem de épocas passadas para os

tempos modernos, sem estarem conscientes de suas motivações contemporâneas.

3. O regresso metódico das interpretações seculares modernas da história até o seu antigo modelo religioso é (por último, mas não menos importante) substancialmente justificado pela percepção de que nos encontramos mais ou menos no fim da linha moderna. Ela se desgastou demais para nos dar algum apoio esperançoso. Aprendemos a esperar sem esperança, “pois a esperança seria esperança pela coisa errada”. Daí por que é saudável lembrar, nestes tempos de incerteza, aquilo que foi esquecido e recuperar as fontes genuínas dos nossos sofisticados resultados. Isso é possível não por um salto imaginário, seja para o cristianismo primitivo (Kierkegaard) ou para o paganismo clássico (Nietzsche), mas apenas pela redução analítica do composto moderno em seus elementos originais. No entanto, o elemento proeminente a partir do qual uma interpretação da história pode afinal emergir é a experiência básica do mal e do sofrimento e da busca do ser humano pela felicidade. A interpretação da história é, em última análise, uma tentativa de entender o sentido da história como o sentido do sofrimento pela ação histórica. O sentido cristão da história, em particular, consiste no fato mais paradoxal de que a cruz, esse sinal da mais profunda ignomínia, pôde conquistar o mundo dos conquistadores ao se opor a ele. Em nossos tempos, cruzeiros foram carregadas em silêncio por milhões de pessoas; e se algo justifica o pensamento de que o sentido da história deve ser entendido em um sentido cristão, esse algo é esse imenso sofrimento. No mundo ocidental, o problema do sofrimento foi enfrentado de duas maneiras diferentes: pelo mito de Prometeu e pela fé em Cristo — um, rebelde, o outro,

servo. Nem a Antiguidade nem o cristianismo se entregaram à ilusão moderna de que a história pode ser concebida como uma evolução progressiva que resolve o problema do mal por meio da sua eliminação.

É privilégio da teologia e da filosofia, em contraste com as ciências, fazer perguntas que não podem ser respondidas com base no conhecimento empírico. Todas as perguntas fundamentais sobre as coisas primeiras e últimas são perguntas desse gênero; elas permanecem significativas porque nenhuma resposta pode silenciá-las. Significam uma busca fundamental, pois não haveria busca pelo sentido da história se seu sentido estivesse manifesto nos eventos históricos. É a própria ausência de sentido nos eventos eles mesmos que motiva a busca. Por outro lado, é somente dentro de um horizonte preestabelecido de um sentido último, por mais oculto que seja, que a história real parece não ter sentido. Esse horizonte foi estabelecido pela história, pois foi o pensamento hebraico e cristão que trouxe à existência essa questão colossal. Fazer seriamente a pergunta sobre o sentido último da história é algo que nos tira o fôlego; ela nos transporta para um vácuo que somente a esperança e a fé podem preencher.

Os antigos eram mais moderados em suas especulações. Não tinham a pretensão de dar sentido ao mundo ou de descobrir seu sentido último. Impressionavam-se com a ordem e a beleza visíveis do cosmos, e a lei cósmica de crescimento e decadência também era o modelo para sua compreensão da história. De acordo com a visão grega da vida e do mundo, tudo se move em recorrências, como a eterna recorrência do nascer e do pôr do sol, do verão e do inverno, da geração e da corrupção. Essa visão era satisfatória para eles porque é uma compreensão racional e natural do universo, combinando o reconheci-

mento das mudanças temporais com a regularidade periódica, a constância e a imutabilidade. O imutável, tal como é visível na ordem fixa dos corpos celestes, tinha maior interesse e valor para eles do que qualquer mudança progressiva e radical.

Nesse clima intelectual, dominado pela racionalidade do cosmos natural, não havia espaço para o significado universal de um evento histórico único e incomparável. Quanto ao destino do ser humano na história, os gregos acreditavam que o ser humano tem desenvoltura para enfrentar todas as situações com magnanimidade – e eles não iam além disso. Estavam preocupados primariamente com o *logos* do *cosmos*, não com *Deus* e com o sentido da *história*. Até mesmo o tutor de Alexandre, o Grande, depreciava a história em contraste com a poesia, e Platão pode ter dito que a esfera da mudança e da contingência é o domínio da historiografia, mas não da filosofia. Para os pensadores gregos, uma *filosofia* da história teria sido uma contradição em termos. Para eles, a história era história política e, como tal, um estudo próprio de estadistas e historiadores.

Para judeus e cristãos, porém, a história era primariamente uma história da salvação e, como tal, a preocupação própria dos profetas, pregadores e mestres. A própria existência de uma filosofia da história e sua busca por um sentido se deve à história da salvação; ela surgiu da fé em um propósito último. Na era cristã, a história política também estava sob a influência funesta desse pano de fundo teológico. De alguma forma, os destinos das nações passaram a estar relacionados a uma vocação divina ou pseudodivina.²

2 Cf. H. Kohn, "The Genesis of English Nationalism", *Journal of the History of Ideas*, v.I (janeiro 1940); H. D. Wendland, "The Kingdom